

Jiddu Krishnamurti

A arte de escutar

From the series:

Um modo de viver totalmente diferente

Friday, February 22, 1974

Tenth Conversation with Dr Allan W. Anderson in San Diego California

Krishnamurti em Diálogo com o Dr. Allan W. Anderson J. Krishnamurti nasceu no Sul da Índia e foi educado na Inglaterra Durante os últimos 40 anos tem falado nos Estados Unidos Europa, Índia, Austrália e outras partes do mundo. Desde o início da sua vida de trabalho repudiou todas conexões com religiões organizadas e ideologias e disse que sua única preocupação era tornar o homem absoluta e incondicionalmente livre. É autor de muitos livros, entre os quais o "Despertar da Inteligência", "A Urgência da Mudança", "Liberte-se do Passado" e "O Voo da Águia". Este é um de uma série de diálogos entre Krishnamurti e o Dr. Allan W. Anderson, que é professor de estudos religiosos na Universidade do Estado de São Diego onde ensina escrituras indianas e chinesas e a tradição oracular. O Dr. Anderson, poeta com obra publicada, obteve sua licenciatura da Universidade da Columbia e do Seminário da União Teológica. Ele foi homenageado com o distinto Prêmio de Ensino da Universidade do Estado da Califórnia.

A: Sr. Krishnamurti, da última vez que estávamos falando juntos estávamos tratando da beleza, e exatamente ao chegar ao fim de nossa conversa, a questão do ver e a sua relação com a transformação do homem, que não é dependente do conhecimento ou do tempo, foi algo que prometemos a nós mesmos que iríamos retomar a próxima vez que nos encontrássemos

K: Senhor, o que é ver, e o que é escutar, e o que é aprender? Eu penso que os três estão relacionados entre si aprender, ouvir e ver. O que é ver, perceber? Vemos realmente, ou vemos através de uma tela, de forma obscura? Uma tela de preconceito, uma tela das nossas idiossincrasias, experiências, nossos desejos, prazeres, medos, e obviamente nossas imagens sobre aquilo que vemos e sobre nós mesmos. Temos esta tela após tela entre nós e o objeto da percepção. Então será que alguma vez vemos a coisa mesmo? Ou é: o ver está colorido pelo nosso conhecimento - botânico, experiência, e aí por diante - ou nossas imagens, que temos dessa coisa, ou a crença, a qual a mente está condicionada e por isso impede o ver, ou as memórias, que a mente cultivou, impedem o ver? Então pode ser que o ver não aconteça afinal. E é possível para a mente não ter estas imagens, conclusões, crenças, memórias, preconceitos, medos, e sem ter essas telas

apenas olhar? Penso que isto se torna muito importante porque quando há um ver - da coisa de que estou falando - quando há um ver, você não pode deixar de agir. Está fora de questão o adiamento.

A: Ou sucessão.

K: Sucessão.

A: Ou intervalo.

K: Porque quando a ação se baseia numa crença, numa conclusão, numa ideia, então essa ação está vinculada ao tempo. E essa ação trará inevitavelmente conflito, e aí por diante, arrependimentos, sabe, todo o resto. Então torna-se muito importante descobrir o que é ver, perceber, o que é ouvir. Será que alguma vez eu ouço? Quando se é casado, como mulher, ou como marido, ou uma moça ou um rapaz, será que alguma vez ouço ela ou ele? Ou ouço ela ou ele através da imagem que construí dela ou dele? Através da tela de irritações, tela de aborrecimento, dominação, você sabe tudo isso, as coisas terríveis que vêm na relação. Então, alguma vez ouço diretamente o que você diz sem traduzir, sem transformar, sem distorcer? Será que alguma vez ouço um pássaro gritando, ou uma criança chorando, ou um homem gritando de dor? Está me seguindo, senhor? Será que alguma vez ouço alguma coisa?

A: Numa conversa que tivemos há cerca de um ano Fiquei muito impressionado com uma coisa que disse que considero para mim, pessoalmente, imensamente valiosa. Disse que ouvir era não fazer nada para parar ou interferir com o ver. Ouvir é não fazer nada para parar de ver. Isso é muito notável porque numa conversa a noção de ouvir é considerada intimamente associada com o comando. Diremos, não é verdade: "Agora ouça-me, ouça-me". E a pessoa pensa que eles têm que inclinar-se para frente no sentido de fazer qualquer coisa voluntariamente.

K: Exato, exato.

A: É como se tivessem de torcer-se numa espécie de contorção penosa aqui, não apenas para agradar aquele que insiste que eles não estão ouvindo, mas para conseguirem eles próprios ouvir.

K: Exato. Então, será que um ser humano, Y ou X, ouve mesmo? E o que acontece quando ouço mesmo? Ouvir no sentido sem qualquer interferência, sem qualquer interpretação, conclusão, gostar e não gostar - sabe, tudo o que acontece - o que acontece quando ouço mesmo? Senhor, veja, dissemos agora mesmo, não nos é possível entender o que é a beleza, se não entendermos o sofrimento, a paixão. Você ouve esta afirmação, o que faz a mente? Tira uma conclusão. Formou uma ideia, ideia verbal, ouve as palavras, extrai uma conclusão, e uma ideia. Uma afirmação desse tipo tornou-se uma ideia. Então dizemos: "Como posso concretizar essa ideia?" E isso torna-se um problema.

A: Sim, claro que sim. Porque a ideia não está em conformidade com a natureza, e outras pessoas têm outras ideias, e querem que as delas tomem corpo. Agora chegamos a um choque.

K: Sim. Então posso ouvir isso, pode a mente ouvir essa afirmação sem formar uma abstração? Apenas ouvir. Não concordo nem discordo, apenas realmente ouço, completamente essa afirmação.

A: Se estou entendendo, o que está dizendo é que, se eu ouvir adequadamente, - ou apenas, digamos ouvir, porque não é uma questão de mais ou menos, estou absolutamente ouvindo ou estou absolutamente não ouvindo.

K: Está correto, senhor.

A: Sim. Não teria que engendrar uma resposta.

K: Não. Você está nela!

A: Sim. Então, como o gato, a ação e o ver são uma coisa só.

K: Sim.

A: Eles são um só ato.

K: Está correto. Então posso ouvir uma afirmação e ver a verdade da afirmação, ou a falsidade da afirmação, não em comparação, mas na afirmação mesma que você está fazendo. Não sei se estou sendo claro.

A: Sim, está sendo muito claro.

K: Isto é, eu ouço a afirmação: a beleza nunca pode existir sem paixão e a paixão vem do sofrimento. Ouço esta afirmação. Não extraio dela uma ideia, ou formo uma ideia a partir dela. Apenas ouço. O que acontece? Você pode estar dizendo a verdade, ou pode estar fazendo uma afirmação falsa. Não sei, porque não vou comparar.

A: Não. Você vai ver.

K: Apenas ouço. O que quer dizer que estou dando minha total atenção - ouça apenas isto, senhor, você vai ver - Dou minha total atenção ao que você está dizendo. Então não importa o que você diz ou não diz. Vê esta coisa?

A: Claro, claro.

K: O que é importante é a minha ação de ouvir! E essa ação de ouvir provocou um milagre de completa liberdade de todas as suas afirmações quer sejam verdadeiras, falsas, reais, minha mente está completamente atenta. Atenção quer dizer nenhuma fronteira. O momento que eu tiver uma fronteira começo a lutar contra você, concordar, discordar. O momento que a atenção tiver uma fronteira, então surgem os conceitos. Mas se eu ouvir você completamente, sem uma única interferência de pensamento, ou ideia, ou mentalização, apenas ouvir isso, aconteceu o milagre. Que é: a minha total atenção absolve-me, a minha mente, de todas as afirmações. Então a minha mente está extraordinariamente livre para agir.

A: Isto aconteceu para mim nesta série das nossas conversas. Com cada uma destas conversas, uma vez que isto está sendo filmado, começa-se quando nos dão o sinal, e dizem-nos quando o tempo acabou, e geralmente, em termos de atividades deste tipo, está-se pensando sobre a produção em si.

K: Claro.

A: Mas uma das coisas que aprendi é, nas nossas conversas, tenho ouvido muito intensamente, e no entanto não tive que dividir minha mente.

K: Não, senhor, isso é...

A: E no entanto isto é, se estou respondendo corretamente ao que você tem ensinado - bem, sei que não gosta dessa palavra - mas ao que tem dito, - Entendo porque "ensinar" era a palavra errada aqui - existe esse primeiríssimo encontro em que a mente se envolve.

K: Sim.

A: Como posso permitir-me não fazer a distinção entre prestar atenção aos aspectos do programa ao aspecto da produção dele, e ainda assim envolver-me na nossa discussão?

K: Exato.

A: Mas quanto mais intensamente...

K: Você pode fazer isso!

A:a discussão estiver sendo travada mais eficientemente é alcançado todo o mecanismo. Não acreditamos nisso, no sentido de que não é apenas que, para começar, não vamos acreditar, mas não iremos nem sequer tentar. Não existe qualquer garantia prévia de ninguém. Ao invés, o que nos é dito é: bem, você habitua-se a isso. E apesar disso os atores têm medo do palco toda a vida, por isso, claramente, não se habitua a isso.

K: Não, senhor, é porque, senhor, não acha que é as nossas mentes são tão comerciais; a menos que consiga uma recompensa por isso, não faço nada. E a minha mente vive no mercado - a nossa mente: Eu dou isto a você, você dá-me aquilo.

A: E existe um intervalo no meio.

K: Está seguindo?

A: Correto.

K: Então nos habituamos ao comercialismo, quer espiritualmente quer fisicamente, que não fazemos nada sem uma recompensa, sem ganhar alguma coisa, sem um propósito. Tem tudo que ser uma troca, não um presente, mas troca: eu dou isto a você e você dá-me aquilo. Eu torturo-me religiosamente e Deus tem que vir até mim. É tudo uma questão de... comércio.

A: Os fundamentalistas têm uma frase que me ocorre em respeito às suas vidas devotas. Dizem, "Estou reclamando as promessas de Deus". E esta frase no contexto do que está dizendo é... meu Deus, o que isso não poderia trazer à mente.

K: Eu sei. Então vê, quando se vai muito ao fundo disto, quando a ação não se baseia numa ideia, fórmula, crença, então o ver é o fazer. Então o que é o ver e ouvir, que nós abordamos? Então o ver é atenção completa, e o fazer está nessa atenção. E a dificuldade está - as pessoas perguntarão, "Como você a manterá essa atenção?"

A: Sim, e nem sequer ainda começaram.

K: Não, como você a manterá? Que significa que eles estão procurando uma recompensa.

A: Exatamente.

K: Eu vou praticar, vou fazer tudo para manter essa atenção para obter algo em troca. A atenção não é um resultado, a atenção não tem causa. O que tem uma causa tem um efeito, e o efeito torna-se a causa. É um círculo. Mas a atenção não é isso. A atenção não dá uma recompensa a você. A atenção, pelo contrário, não há recompensa ou punição porque não tem fronteiras.

A: Sim, isto retoma uma conversa anterior que tivemos, quando mencionou a palavra "virtude" e a exploramos relativamente ao poder.

K: Sim, exatamente, exatamente.

A: E nos é dito - o que é difícil para uma criança pensante acreditar, considerando a maneira como a criança é criada, mas lhe é pedido de alguma forma que passe por isso - que a virtude é a sua própria recompensa.

K: Oh, isso.

A: E obviamente, é impossível ver o que é sólido acerca disso sob ...

K: Sim, exato.

A: a situação condicionada em que vive.

K: Isso é apenas uma ideia, senhor.

A: Então agora vamos pôr isso para trás e depois mais tarde, quando precisamos relembrar alguém que eles estão pedindo uma recompensa demasiado alta para algo bom que fizeram, lhes dizemos, "Bem, vocês esqueceram que a virtude é a sua própria recompensa?" Sim, sim. Torna-se uma forma de punição.

K: Então, veja, o ver e o ouvir. Então o que é aprender? Porque estão todos interligados: aprender, ver, ouvir, e ação - tudo isso - está tudo no mesmo movimento, não são capítulos separados, é o mesmo capítulo.

A: Distinção é não divisão.

K: Não. Então o que é aprender? A aprendizagem é um processo de acumulação? E a aprendizagem é não-acumulativa? Estamos colocando ambos juntos. Vamos olhar para isso.

A: Vamos olhar para isso, sim.

K: Aprende-se uma língua - italiano, francês, seja o que for - e acumula-se palavras, e os verbos irregulares, e aí por diante, e depois consegue-se falar. Há a aprendizagem de uma língua e ser capaz de falar. Aprender a andar de bicicleta, aprender a dirigir um carro, aprender a montar uma máquina, eletrônica, e por aí fora. Tudo isso é aprendizagem adquirir conhecimento em ação. E eu estou perguntando, existe qualquer outra forma de aprendizagem? Isso nós conhecemos, estamos familiarizados com a aquisição de conhecimento. Ora existe qualquer outra forma de aprendizagem, aprendizagem que não é: acumulada e ação? Não sei...

A: Sim, quando acumulamos tudo isso, não percebemos nada nesse assunto.

K: Sim. E aprendo para conseguir uma recompensa. ou para evitar uma punição. Aprendo um determinado trabalho, ou um determinado ofício, para ganhar a vida. Isso é absolutamente necessário, se não... Ora, estou perguntando, existe qualquer outro tipo de aprendizagem? Aquele é rotina, aquele é o cultivo da memória, e a memória, que é o resultado da experiência e conhecimento que está guardado no cérebro, e que opera quando lhe é pedido que ande de bicicleta, dirija um carro, e por aí fora. Ora, existe qualquer outro tipo de aprendizagem? Ou apenas isso? Quando se diz, "Aprendi com a minha experiência", significa que aprendi, guardei dessa experiência determinadas memórias, e essas memórias ou impedem, recompensam ou punem. Então todas estas formas de aprendizagem são mecânicas. E a educação é treinar o cérebro a funcionar na rotina, mecanicamente. Porque nisso há uma grande segurança. Então é seguro. E então, a nossa mente torna-se mecânica. O meu pai fazia isto, eu faço isto - entende? - toda a questão é mecânica. Ora, existe um cérebro que não é mecânico afinal? Uma aprendizagem não utilitarista - nesse sentido - que não tem futuro nem passado, portanto não vinculada ao tempo. Não sei se estou tornando isto claro.

A: Não dizemos às vezes "Aprendi por experiência" quando queremos transmitir alguma coisa que não é transmitida bem por essa expressão. Queremos transmitir um insight que sentimos que não pode ser, estritamente falando, datado.

K: Veja, senhor, aprendemos alguma coisa com a experiência? Tivemos, desde que a história começou, a história escrita, 5000 guerras. Li isso em algum lugar - 5000 guerras. Matar, matar, matar, mutilar. E aprendemos alguma coisa? Aprendemos alguma coisa com o sofrimento? O homem tem sofrido. Aprendemos alguma coisa com a experiência da agonia da incerteza, e todo o resto? Então quando dizemos que aprendemos, eu questiono isso, está me seguindo? Parece uma coisa tão terrível dizer "Eu aprendi por experiência". Não aprendeu nada!" Salvo no campo do conhecimento. Não sei...

A: Sim. Posso dizer uma coisa aqui de que me lembrei agora. Antes estávamos a falar do sofrimento, e eu estava pensando numa afirmação de São Paulo nas suas Cartas aos Romanos, em que há uma sequência pouco comum de palavras em que ele diz, "Regoziamos nas tribulações". Ora, algumas pessoas pensaram que ele deve ter sido um masoquista para fazer tal afirmação; mas isso a mim certamente parece-me estranho. Regozijamo-nos nas tribulações. E depois diz, "porque a tribulação traz..." - e no grego isto significa que há energia envolvida - "... trabalha paciência". Paciência - experiência. Ora, essa é uma ordem

muito invulgar, porque geralmente pensamos que se tivermos experiência suficiente aprenderemos a ser pacientes. E ele põe isso completamente de cabeça para baixo, aqui. E no contexto do que você está dizendo essa ordem nas palavras dele faz todo o sentido. Por favor continue.

K: Não, não.

A: Sim, isso é realmente muito notável.

K: Veja, senhor, é por isso que a nossa educação, a nossa civilização, todas as coisas sobre nós, faz a nossa mente tão mecânica - reações repetitivas, exigências repetitivas, objetivos repetitivos. A mesma coisa sendo repetida ano após ano, por milhares de anos: meu país, seu país, eu mato você e você me mata. Está seguindo, senhor? Toda a questão é mecânica. Ora, isso quer dizer que a mente nunca pode ser livre. O pensamento nunca é livre, o pensamento é sempre velho. Não existe pensamento novo.

A: Não, é muito curioso em relação a um movimento no campo da religião que se auto-intitulou "Pensamento Novo". Sim, estava-me rindo da ironia disso. Sim, valha-me Deus. Imagino que algumas pessoas contestariam à noção de que não aprendemos com a experiência em termos da sucessão de guerras, porque as guerras têm tendência de acontecer sequencialmente, de geração para geração, e é preciso amadurecer. Mas isso não é verdade, porque mais do que uma guerra acontecerá muito frequentemente na mesma geração...

K: De que estão falando? Duas guerras.

A: Sim, não se aprendeu nada afinal. É uma coisa terrível ouvir alguém sair por aí e dizer: ninguém aprende nada com a experiência.

K: Não, a palavra "experiência" também quer dizer atravessar.

A: Sim, sim.

K: Mas nunca se atravessa nada.

A: Isso está perfeitamente correto.

K: Para-se sempre no meio. Ou nunca se começa.

A: correto. Significa, se estou lembrando-me corretamente, em termos da sua raiz radical, significa testar, submeter a teste... Bem, submeter uma coisa a teste e comportar-se corretamente enquanto isso acontece, certamente você tem que ver, tem que olhar, não é?

K: Claro. Então como nossa civilização, nossa cultura, nossa educação produziram uma mente que se está tornando mais e mais mecânica, e por isso vinculada ao tempo, e por isso nunca uma sensação de liberdade. A liberdade então torna-se uma ideia, com que se brinca filosoficamente, mas não tem significado. Mas um homem que diz: "Ora, quero descobrir, eu quero realmente entrar nisto e descobrir se há liberdade". Então ele tem que entender os limites do conhecimento, onde acaba o conhecimento, ou melhor o fim do conhecimento e o começo de algo completamente novo. Não sei se me faço entender.

A: Sim está. Oh sim, sim.

K: Isto é, senhor, o que é aprender? Se não é mecânico, então o que é aprender? Existe mesmo uma aprendizagem afinal, aprender sobre o quê? Aprendo como ir à lua, como montar isto, aquilo, e dirigir, e por aí afora. Apenas nesse campo existe aprendizagem. Existe aprendizagem em qualquer outro campo, psicologicamente, espiritualmente? Pode a mente aprender acerca daquilo a que chamam Deus?

A: Se na aprendizagem, no sentido em que colocou esta questão... - não, tenho que dizer isso de outro modo.

Paremos com o "se" - Quando se faz o que estou por dizer, quando se aprende acerca de Deus, ou ir à lua, em termos da questão que colocou, ele não pode estar fazendo aquilo que você está apontando, se isto é algo que se acrescenta à lista.

K: Senhor, é tão claro.

A: Sim, é.

K: Aprendo uma linguagem, a andar de bicicleta, a dirigir um carro, montar uma máquina. Isso é essencial. Agora quero aprender sobre Deus - apenas ouça isto. O deus é produzido por mim. Deus não me fez à imagem dele. Eu fiz ele à minha imagem. Agora vou aprender acerca dele.

A: Sim, vou falar comigo mesmo.

K: Aprender acerca da imagem que construí sobre Cristo, Buda, seja quem for. A imagem que construí. Então estou aprendendo o quê?

A: Falar sobre o falar. Sim.

K: Aprendendo sobre a imagem que construí.

A: Está correto.

K: Portanto existe qualquer outra forma de aprendizagem além da aprendizagem mecânica? Não sei se... Entende a minha pergunta?

A: Sim, entendo. Sim, entendo, certamente entendo.

K: Então, há apenas o aprendizado do processo mecânico da vida. Não existe outra aprendizagem. Veja o que isso quer dizer, senhor.

A: Quer dizer liberdade.

K: Posso aprender sobre mim mesmo. O "eu" é conhecido. Conhecido, no sentido - posso não conhecê-lo, mas posso conhecer, olhando para mim mesmo, posso conhecer a mim mesmo. Então, o "eu" é o conhecimento acumulado do passado. O "eu" é quem diz: sou ganancioso, sou invejoso, tenho sucesso, tenho medo, eu traí, sinto arrependimento - tudo isso é o "eu", incluindo a alma, que inventei no "eu", ou o Bramam, o Atman - tudo é ainda o "eu", O "eu" criou a imagem de Deus, e eu vou aprender sobre Deus, que não tem significado! Então se há - quando há, não, vou usar a palavra "se" - se não há outra maneira de aprender, o que acontece? Entende? A mente é acostumada na aquisição de conhecimento na matéria - para pôr de outra forma. Em coisas mecânicas. E quando a mente é utilizada nisso, há outros processos de aprendizagem? Que significa: psicologicamente, internamente, há? O interior é uma invenção do pensamento em contraposição ao exterior. Não sei se você entende. Se eu percebi o exterior, Percebi o interior. Porque o interior criou o exterior. O exterior no sentido da estrutura da sociedade, as sanções religiosas, tudo isso é inventado ou montado pelo pensamento: os Jesus, o Cristo, os Budas - tudo isso. E o que há para aprender então?

A: Ouvindo-o ...

K: Você vê a beleza do que está surgindo?

A: Oh sim, sim, isso volta ao seu comentário sobre vedanta como fim do conhecimento.

K: É isso que me foi dito.

A: Sim. A coisa interessante para mim sobre a construção sânscrita é que, salvo erro, não quer dizer fim do

mesmo como um final, como um termo, porque isso simplesmente daria início a uma nova série. É a consumação disto, que é o fim total, no sentido que um começo totalmente novo tem lugar nesse mesmo ponto.

K: Isso quer dizer, senhor, eu sei, a mente conhece a atividade do conhecido.

A: Está correto, sim. Isso é a consumação do conhecimento.

K: Do conhecimento. Ora, qual é o estado da mente, que está livre disso e mesmo assim funciona no conhecimento?

A: E mesmo assim funciona nele.

K: Está seguindo?

A: Sim, sim. É visto perfeitamente.

K: Entre nisso, verá que acontecem coisas muito estranhas. Primeiro, é possível isto? Entende, senhor? Porque o cérebro funciona mecanicamente, quer segurança, caso contrário não pode funcionar. Se não tivéssemos segurança, não estaríamos aqui juntos sentados. Porque temos segurança, podemos ter um diálogo. O cérebro apenas pode funcionar em completa segurança. Mesmo que essa segurança seja encontrada numa crença neurótica - todas as crenças e todas as ideias são neuróticas nesse sentido - então ela é encontrada em algum lugar: na aceitação da nacionalidade como mais alta forma de bem, o sucesso é a virtude mais alta. Encontra crença, segurança aí. Ora, você está pedindo ao cérebro, que se tornou mecânico, treinado durante séculos, que veja o outro campo, que não é mecânico. Há um outro campo?

A: Não.

K: Percebe a questão?

A: Sim, percebo. Sim, é isso que é tão totalmente devastador.

K: Há - espere, espere - há um outro campo? Ora, a menos que o cérebro e a mente entendam todo o campo - não campo - entendam o movimento do conhecimento, é um movimento.

A: É um movimento, sim.

K: Não é apenas estático, está acrescentando, retirando e assim por diante. A menos que perceba isso tudo, não é possível que faça essa outra pergunta.

A: Exatamente. Exatamente.

K: E quando então ele faz essa pergunta, o que acontece? Senhor, esta é a verdadeira meditação, sabe.

A: Isto é, sim, sim.

K: Que iremos abordar em outro momento. Então você vê, que é isso que significa. Está-se sempre ouvindo com conhecimento, vendo com conhecimento.

A: Isto é o ver através de um vidro, obscuramente.

K: Obscuramente. Ora, há um ouvir a partir do silêncio? E isso é atenção. E isso não está vinculado ao tempo, porque nesse silêncio eu não quero nada. Não é que vou aprender sobre mim mesmo. Não é que vou ser punido, recompensado. Nesse silêncio absoluto, ouço.

A: A maravilha de tudo isso é que não é uma coisa que é feita, esta meditação, em sucessão.

K: Senhor, quando falarmos de meditação, teremos que entrar nisso muito profundamente, porque destruíram essa palavra! Estes homenzinhos desonestos que vêm da Índia ou de qualquer lugar, destruíram essa coisa.

A: Ouvi outro dia sobre alguém que estava aprendendo meditação transcendental.

K: Oh, aprendendo!

A: Tinham que fazê-lo às 3 da tarde.

K: Pagar 35 dólares ou 100 dólares para fazer isso. É um sacrilégio.

A: Quer dizer, às 3 da tarde era o dia do julgamento. Se você não fizesse de acordo com o horário, então obviamente o mundo acabaria. Mas ostensivamente está se fazendo isto para libertar-se daquilo. Continue.

K: Então veja, senhor, é isso que acontece. Começamos esta manhã sobre a beleza, depois paixão, depois sofrimento, depois ação. Ação baseada numa ideia é inação. Soa monstruoso, mas é assim. E daí dissemos: o que é ver e o que é ouvir? O ver e ouvir tornaram-se mecânicos. Nunca vemos nada novo. Mesmo a flor nunca é nova, que floresceu durante a noite. Dizemos, "Sim, isso é a rosa, tenho esperado por isso, apareceu agora, que bonita". É sempre do conhecido para o conhecido. Um movimento no tempo, e por isso, vinculado ao tempo, e portanto nunca livre. E no entanto estamos falando de liberdade, sabe, filosofia, as palestras sobre liberdade, e assim por diante. E os comunistas chamam a isso uma coisa burguesa, que é, no sentido, quando você limita isto ao conhecimento, é bobagem falar de liberdade. Mas há uma liberdade quando se percebe todo o movimento do conhecimento. Então, você pode observar a partir do silêncio, e observar e agir no campo do conhecimento, então ambos juntos em harmonia?

A: O ver então não está agendado. Sim, claro, claro. Estava apenas pensando, suponho que você diria que a definição clássica de liberdade, em termos da carreira do conhecimento, seria que é uma propriedade da ação, uma propriedade ou qualidade da ação. Para usos gerais, qualquer uma das palavras serviria, propriedade ou qualidade. E ocorreu-me, no contexto do que temos dito, que horror que se possa ler essa afirmação e não permitir que ela se revele a você.

K: Exato.

A: Se ela se revelasse a você, você teria que enfrentá-la, teria que ser sério. Se você fosse um estudante de filosofia e lesse isso, e essa coisa começasse a operar em você, você diria: "Eu tenho que resolver isto antes de continuar. Talvez nunca chegue à minha graduação, isso não é importante".

K: Isso não é importante, exatamente. E eu estava pensando, no Ocidente, assim como no Oriente, você tem que ir para a fábrica ou o escritório, todos os dias da sua vida. Acordar às 8 horas, 6 horas, dirigir, andar, trabalhar, trabalhar, trabalhar, por cinquenta anos, rotina, e levar pontapés, ser insultado, adorar o sucesso. Novamente - repetição. E ocasionalmente falar de Deus, se for conveniente, e por aí afora. Essa é uma vida monstruosa! E é para isso que estamos educando nossos filhos.

A: Essa é a verdadeira morte em vida.

K: E ninguém diz, pelo amor de Deus, vamos olhar para isto tudo de um modo novo. Vamos limpar nossos olhos do passado e olhar para o que estamos fazendo, dar atenção, cuidado ao que estamos fazendo.

A: Agora temos esta questão em vez disso: o que vamos fazer sobre isto? Sim, essa é a questão. E depois isso torna-se a próxima coisa feita a ser... ..acrescentada à lista.

K: É uma continuidade do passado, sob uma forma diferente.

A: E a cadeia está infinitamente ligada, ligada, ligada, ligada.

K: A causa se tornando o efeito e o efeito se tornando a causa. Então é uma coisa muito séria quando falamos disto tudo, porque a vida se torna horrivelmente séria. E é apenas esta pessoa séria que vive, não aquelas pessoas que procuram entretenimento, religioso ou de outra forma.

A: Tive uma ocasião muito interessante de perceber o que você está dizendo em aula ontem. Estava tentando ajudar os alunos a ver que a clássica compreensão das quatro causas em funcionamento é que elas estão não-temporalmente relacionadas. E eu disse, quando o ceramista põe suas mãos no barro, a mão tocando o barro não recebe uma resposta do barro depois que a mão o tocou. E uma pessoa, que estava de visita na aula, esta pessoa era alguém com uma boa educação e um professor, e isto o impressionou e talvez não, e eu percebi pela expressão no seu rosto que havia alguma angústia aqui, então eu disse, "Bem, o meu radar diz que há alguma dificuldade acontecendo qual é o problema?" "Bem, parece que há um intervalo de tempo." Então eu pedi-lhe que apanhasse uma coisa que estava em cima da mesa. E eu disse: "Toque isto com o seu dedo e diga-me, no momento do toque com o dedo, se a coisa reage ao dedo depois de ser tocado. Agora faça-o". Bem, mesmo pedir a alguém para aplicar um teste prático como esse em relação a um dado de conhecimento como as quatro causas são ... la, la, la é interromper o processo de educação como nós o temos conhecido. Porque você ensina a um estudante sobre as quatro causas e ele pensa sobre elas, nunca sai e olha para as coisas, ou faz alguma coisa sobre isso. E então estávamos apanhando coisas na aula, e estávamos fazendo isto até que finalmente pareceu uma revelação. "Observe" foi dito - no ensinamento clássico disto, o que, naturalmente, na sociedade moderna é rejeitado - é o caso. E eu disse, isto tem de ser visto, observado. Isto é o que você quer dizer.

K: Sim, senhor. Ver, claro.

A: Claro, claro. Mas estamos de volta a esse passo aí: por que essa pessoa e tantos outros estudantes estavam seguindo o exemplo, estava angustiada no ponto em que a questão prática surgiu? Havia um sentimento, suponho, de que estavam em um penhasco.

K: Exato, exato.

A: E naturalmente era necessário um estado de alerta. Mas o estado de alerta registra que estamos em um penhasco, então a melhor coisa a fazer é virar-se e correr de volta. Sim, sim.

K: Senhor, eu acho, sabe, estamos tão presos em palavras. Para nós a palavra não é a coisa. A descrição não é o descrito. Para nós a descrição é tudo o que importa, porque somos escravos das palavras.

A: E do ritual.

K: Ritual e todo o resto. Então quando você diz, olhe, a coisa importa mais que a palavra, e depois dizem: "Como posso me livrar da palavra, como posso me comunicar, se não tenho a palavra?" Vê como eles saíram do caminho? Não se importam com a coisa, mas com a palavra.

A: Sim.

K: E a porta não é a palavra. Então, quando estamos presos às palavras, a palavra "porta" torna-se extraordinariamente importante, e não a porta.

A: E eu não preciso realmente enfrentar a porta, digo a mim mesmo, porque tenho a palavra. Tenho tudo.

K: Então a educação fez isto. Uma grande parte desta educação é a aceitação das palavras como uma abstração do fato, daquilo "que é". Todas as filosofias baseiam-se nisso: teorizar, teorizar, teorizar infinitamente, como se deve viver. E o próprio filósofo não vive.

A: Sim, eu sei.

K: Vê-se isto em toda a parte.

A: Especialmente alguns filósofos que me pareciam bastante bizarros neste aspecto. Pergunto aos meus colegas, de vez em quando, "Se você acredita nessas coisas, porque não as faz?" E olham para mim como se eu estivesse louco, como se ninguém realmente pudesse fazer essa pergunta seriamente.

K: Claro, claro.

A: Mas se não se pode fazer essa pergunta, que pergunta vale a pena fazer?

K: Exatamente.

A: Estava pensando nessa maravilhosa história que contou na nossa conversa anterior sobre a macaca, enquanto você estava falando sobre isto, quando ela apertou sua mão, ninguém lhe tinha dito como apertar a mão.

K: Não, ela esticou a mão.

A: Sim.

K: E eu a peguei.

A: Não foi algo que ensinaram ela a fazer através da comunicação verbal, foi a coisa apropriada naquele momento.

K: Naquele momento, sim.

A: Sem que ninguém medisse a sua adequação.

K: Exato.

A: Não é notável? Sim, não consigo dizer quão agradecido estou de ter podido partilhar isto com você. Tenho visto, em relação à minha própria atividade como professor, em que tenho que fazer terapia mesmo com a minha linguagem.

K: Exato, exato.

A: Então, não dou ao estudante uma ocasião para pensar que estou simplesmente acrescentando algo a esta cadeia interminável, elo após elo, após elo. Há duas terapias aqui então: essa é a terapia que está relacionada com as palavras e que flui naturalmente. Não é um artifício, flui naturalmente, se entendi corretamente, a partir da terapia interior. Ora, isto está diretamente relacionado, como dizia antes, à meditação. Estamos prontos, você acha...

K: Acho que isso é muito complicado.

A: Não quero dizer agora. Mas talvez numa de nossas próximas conversas.

K: Oh sim, temos ainda que discutir várias coisas.

A: Sim.

K: O que é o amor, o que é a morte, o que é a meditação, o que é todo o movimento do viver. Temos muito para fazer.

A: Oh, estou ansioso por isso. Esplêndido. Certo.